

## 45 Anos, sempre com os Agricultores!

*Alfredo Campos*

*Dirigente da CNA*

A vida da maioria das agricultoras e dos agricultores era, no tempo do fascismo, miserável.

Do trabalho de sol a sol, a que nem as crianças escapavam, não se conseguia tirar, sequer, o sustento da família.

A Revolução de Abril trouxe aos campos a esperança num futuro melhor e mais justo.

Houve extensão rural, crédito acessível, escoamento e preços justos, o Estado criou organismos para apoio à agricultura como a EPAC, as Juntas do Vinho, da Fruta, dos Produtos Pecuários que passaram a estar ao serviço da Lavoura. Começou a haver segurança social.

Foram aprovadas importantes leis como a dos Rendeiros e a dos Baldios.

Para os pequenos e médios agricultores do Sul, assim como para os operários agrícolas, a Reforma Agrária criou a perspectiva de mais justiça no uso e posse da terra.

Mas o que os agricultores alcançaram cedo começou a ser-lhes tirado por governos ao serviço dos interesses dos velhos e novos senhores da terra, resultando num grau alarmante de dependência alimentar do país.

Porque não aceitavam o abismo para onde os queriam empurrar, agricultoras e agricultores começaram a abrir o seu próprio caminho. Foi um multiplicar de contactos e conversas para vencer dúvidas e ultrapassar receios, cimentar a unidade, de reuniões centradas na Cooperativa Agro Tarouca e Lamego, de que era Presidente Rogério Martinho, hoje aqui connosco.

Assim se chegou a 26 de Fevereiro de 1978 onde, no pavilhão do Estádio Universitário de Coimbra, com a participação de 728 delegados de 223 Organizações da Lavoura e os 5 mil agricultores e agricultoras presentes no Encontro das Organizações da Lavoura e dos Agricultores do Minho, Trás-os-Montes e Beiras, aprovaram a Carta da Lavoura Portuguesa e decidiram criar a Confederação Nacional da Agricultura – CNA.

Na Carta da Lavoura Portuguesa então aprovada, e que apresentava as principais reclamações dos agricultores, dizia-se:

*“A Lavoura tem de ser ouvida. Do campo saem os alimentos para toda a população. Ou melhora a nossa situação e então a Lavoura sente-se animada, apoiada e com condições para produzir ou então estamos mal. E connosco está mal o País.”*

A lei da vida foi afastando muitos e muitas que construíram e animaram estes 45 anos e a todos agradecemos o esforço para que a CNA, *Sempre com os Agricultores*, seja uma referência nacional e internacional na luta camponesa pelo direito à terra, à justa remuneração do trabalho. De todas e todos, pelo simbolismo na luta camponesa, permitam-me referir apenas dois, o Joaquim Casimiro e a Lúcia Gil, reafirmando, perante a sua memória, que vamos continuar a luta que abraçaram, até que haja justiça nos campos.

Fruto da persistência, da coerência da sua opinião e propostas, do apoio de muitas Associações e largas camadas de agricultores, a CNA tornou-se incontornável e é membro de diversas comissões e grupos de trabalho institucionais, junto do Governo, é membro do Conselho Económico e Social, participa em Grupos de Diálogo da União Europeia em representação da CEVC, no CONSAM da CPLP, desenvolve diversos projectos nacionais e internacionais, presta serviços de apoio aos agricultores, sem nunca fraquejar na firme luta em defesa dos direitos de quem vive para pôr alimento no prato das populações.

Nestes 45 anos muita coisa mudou, mas muitos dos problemas com que a Agricultura Familiar se confronta persistem, confirmando a actualidade da Carta da Lavoura de 78, e novos problemas surgiram, afectando o Mundo Rural e o Ambiente, os Agricultores,

os Consumidores, a nossa economia e Soberania Alimentar, o que levou à aprovação da Carta da Agricultura Familiar Portuguesa no nosso 7º Congresso.

Entretanto, desde que em 1986 a então CEE entrou em Portugal, indistintamente da composição dos Governos ou das cores dos Ministérios da Agricultura, com as políticas do “produzir para exportar” e a cada reforma da PAC, tudo é feito para limitar a produção e agravar a nossa dependência alimentar: amarram-nos a históricos, impuseram quotas que depois liberalizaram, incentivaram produções que depois proibiram, desregulamentam os mercados, pagam para não produzir, quando o que o País precisa é de melhorar os níveis de auto-abastecimento e soberania alimentar.

Alastram problemas de sanidade animal e vegetal. As pragas e os fogos florestais são devastadores. O crédito é inacessível, muitos milhares de agricultores são arruinados, os preços dos nossos produtos raramente compensam, mas os preços dos factores de produção não param de crescer em consequência da especulação.

Vive-se hoje debaixo duma violenta ditadura do agro-negócio internacional da indústria e, crescentemente, das grandes corporações da distribuição, apadrinhada pelo poder político, que exploram o agricultor e o consumidor.

E é por tudo isto que, do abaixo-assinado local, da concentração na Câmara ou na Delegação do Ministério, dos plenários nas feiras aos desfiles de tractores, cortes de estrada e de linhas férreas, até grandes manifestações nacionais em diversas cidades, junto à Assembleia da República ou no 1º Ministro, ou às manifestações internacionais por ocasião das presidências portuguesas da UE, a CNA, *Sempre com os Agricultores*, foi, é e continuará a ser a voz insubmissa da Agricultura Familiar Portuguesa e de todos que, unidos na Via Campesina, lutam pelo cumprimento da Declaração dos Direitos Camponeses, aprovada na ONU.

Homens e mulheres que lutam ao mesmo tempo que contrariam a imagem que o poder quer fazer passar deles, que resistem porque amam a sua terra e por isso não a abandonam, que rentabilizam as suas explorações, que investem tudo o que podem, que se endividam para investir, que compram e arrendam para melhor dimensionar as explorações, que aderem a novas tecnologias, que experimentam novas culturas.

Camponeses, Pequenos e Médios Agricultores, Agricultores Familiares, a designação tem mudado ao longo dos tempos e das diferentes regiões do mundo, mas todas caracterizam e definem os que, maioritariamente com as suas famílias, trabalham as suas terras, podem transformar a produção de alimentos, possibilitar às populações uma alimentação de qualidade e proximidade, promover a coesão, a economia regional, a soberania alimentar.

A CNA, legítima representante e defensora dos seus interesses e direitos, apresentou no seu 7º Congresso, em 2014, uma proposta inédita em todo o mundo, o Estatuto da Agricultura Familiar Portuguesa, instrumento que, juridicamente enquadrado, reconhece a sua importância, a define e lhe atribui direitos específicos.

A nossa acção levou a que o Estatuto fosse publicado em Agosto de 2018.

Mas logo se viu que não basta fazer uma lei a dizer que se apoia. As condições de reconhecimento ao título são completamente desadequadas e algumas poucas e isoladas medidas do Ministério da Agricultura e o alheamento dos outros 9 ministérios envolvidos, explicam que, dos potenciais candidatos, apenas 3.500 se candidataram ao título e em Dezembro passado apenas 699 eram títulos activos, 0,25% dos possíveis.

A CNA não desiste e apresenta propostas para que seja alterado permitindo o acesso a cerca de 270 mil agricultores familiares considerados no Recenseamento de 2019 e reclama que seja implementado um Programa Integrado de Promoção e Desenvolvimento da Agricultura Familiar com verba própria no Orçamento do Estado.

Até porque estamos em plena Década da ONU para a Agricultura Familiar, 2019 – 2028 e a CNA, que é a organização de agricultores que integra o seu Comité Directivo Internacional, em representação da Via Campesina, de que a CNA é membro fundador, para a Região Europa e Ásia Central, não aceita que, quer a nível da UE, quer no plano nacional, se ignore esta situação e mesmo que o Plano de Acção Nacional construído por uma plataforma que a CNA e a própria DGADR integram, seja também ignorado pelo Ministério da Agricultura.

Estimados convidados e agricultores:

Nestes 45 anos desde a criação da CNA tivemos de tirar muita pedra do terreno, tivemos de abrir novos caminhos. Mas temos a força que nos vem das Associações filiadas na CNA e de muitas outras organizações que conosco trabalham e nos apoiam, temos a força que, através delas, nos vem dos milhares de agricultores e agricultoras que definem como objectivo defender o Mundo Rural e produzir para abastecer a população.

Têm sido anos de muitas lutas porque a isso somos obrigados por sucessivos ataques à Agricultura Familiar.

Lutas em que, sempre que possível, nos empenhamos em encontrar objectivos e reivindicações comuns a outros sectores e outras organizações, em alargar e reforçar a unidade dos agricultores, como aconteceu nas lutas do sector do arroz, ou do sector do leite, ou contra o aumento da taxa de alcoolémia ou contra o *dumping* das grandes cadeias de distribuição.

Lutas que tiveram papel central no nosso 9º Congresso, realizado em Viseu, que mostrou bem a vitalidade deste movimento.

Neste 45º Aniversário voltamos a afirmar:

CNA - Sempre com os Agricultores!

Viva a CNA e a Agricultura Familiar!

Coimbra, 26 de Fevereiro de 2023